

.: Editorial

Nosso 15º Boletim do Conect-a conta com ótimas produções que oportunizaram destacar, por meio dos trabalhos aqui reunidos, pontos cruciais da relação entre o associado e o Instituto. Podemos dizer que cada um dos autores pode apresentar suas ressonâncias e seus efeitos a partir de suas experiências com o Instituto.

É sabido que o Instituto promove diversas atividades no campo epistêmico; no entanto, é preciso lembrar sua relação com a Cidade, em um constante diálogo com o Outro social, permitindo, com isso, uma formação ampla, que transita entre o universal e o singular.

Nessa via, podemos notar, por meio dos textos que seguem, instigantes articulações que demonstram bem a relação que cada um mantém com a causa analítica, dentro e fora do Instituto.

Dessa maneira, em nossas **Pílulas**, apresentamos, de forma inédita, dois trabalhos referentes à chegada de duas novas associadas ao Instituto: Fabiana Pereira e Licene Garcia.

Com o texto intitulado “O desejo de formação: caminhos, (des)encontros, ressonâncias...”, Fabiana Pereira nos traz um depoimento acerca de sua relação com o Instituto e de seu desejo de formação. Localiza, no tema das psicoses, a via para sua pesquisa, que o Núcleo de Apresentação de Pacientes e Psicoses pôde enlaçar em um verdadeiro bate-bola, fomentando questões e aberturas em seu desejo, percurso de análise e formação.

Já Licene Garcia, em seu texto “Efeitos de formação na formação de um analista”, nos apresenta seu interesse de interlocução por meio do diálogo com diversos autores, subsidiando sua investigação sobre o que viria a ser um psicanalista. Suas referências indicam uma certa convergência entre Instituto e Escola que, de maneiras distintas, parecem constituir uma próspera combinação, segundo suas palavras: “Por que o binário Escola e Instituto se faz imprescindível em uma formação analítica, sobretudo atualmente, onde há formações *prêt-à-porter* que prometem garantias para o que é um psicanalista?”

E, em nosso **Radar**, Fatima Luzia nos apresenta suas considerações sobre a obra literária de



<https://pixabay.com/pt/>



João Ubaldo Ribeiro, “A casa dos budas ditosos” e sua adaptação para o teatro, interpretada por Fernanda Torres em forma de monólogo. É importante lembrar que esse livro faz parte de uma série com outros autores, na qual cada um abordou um dos pecados capitais, ficando a cargo de João Ubaldo Ribeiro trabalhar a luxúria. A história gira em torno de uma senhora baiana que se propõe a relatar suas experiências sexuais.

A partir disso, Fatima Luzia coteja a obra literária à luz dos conceitos de pulsão em Freud e de gozo no ensino de Lacan. E, mais ainda, localiza um estranhamento decorrente da passagem do livro para os palcos, quando o próprio autor estranha que sua obra deixasse de ser reflexiva para se tornar, de certa forma, uma comédia.

No entanto, é possível acompanhar, com Fatima Luzia, como tal estranhamento se mantém no palco, por meio da interpretação de Fernanda Torres e dos efeitos que causa em seus interlocutores, visto que não-toda a plateia suportava permanecer até o final do espetáculo.

Conforme as palavras de Fátima: “Nossa protagonista está às voltas o tempo todo com uma satisfação que bordeia o impossível, ela gira em torno de um real que insiste, ex-siste.”

De forma instigante, Fatima Luzia aborda o gozo feminino como sendo aquele incapaz de ser assimilado ao simbólico.

Em nossa seção dedicada à **Biblioteca**, Aparecida Santa Clara Berlitz nos traz notícias sobre a segunda atividade da Comissão de Biblioteca, realizada no último dia 22 de agosto, na cidade de Ribeirão Preto, que sediou essa proposta em sua segunda edição.

A Livraria da Travessa, no Shopping Ribeirão, foi o local da atividade, que proporcionou um importante debate em torno do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, estabelecendo uma interlocução entre a literatura e a psicanálise.

A atividade, em forma de conversação, contou com Emmanuel Mello, que animou o debate apresentando um recorte do conto e, na sequência, vieram as articulações propostas por José Danilo Canesin.

Segundo Aparecida, “a discussão realizada no encontro nos convidou à conversação. Foram várias as pessoas que entraram na conversa: um dos pontos levantados foi sobre a desimportância do conteúdo da carta para Lacan, em contraste com a supervalorização dos conteúdos que marca a contemporaneidade.”

Por meio dessa atividade, pode-se depreender a relevância e a atualidade do texto de Lacan (1956), sobre o conto de Edgar Allan Poe, publicado nos *Escritos*, que nos proporciona

importantes reflexões sobre o campo simbólico e a clínica. Mas não somente: abre também para uma dimensão sobre a verdade e sua estrutura de ficção.

Concluimos com a **Agenda** de atividades propostas pelo Instituto.

Boa leitura!

Fabio Saad

Associado ao CLIN-a

Comissão: Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros (Coordenadora), Emelice Prado Bagnola, Fabio Saad, Luiza Gerace e Paula Maia

.: Pílulas

O desejo de formação: caminhos, (des) encontros, ressonâncias...

O convite que antecedeu a escrita desse texto provocou em mim, inicialmente, uma certa tensão em torno do tema proposto e aos poucos foi dando lugar a um trabalho de escrita. O texto foi se construindo em meio a elaborações em torno ao meu processo de formação cujo desejo se sustenta pelo viés da análise, mas também na transferência com o Instituto. Nesse texto falarei da participação no Núcleo de apresentação de pacientes e psicose e da minha recente associação ao Clin-a.

A porta de entrada para o Núcleo foi o significante “psicose”. O desejo de saber e a orientação lacaniana me estimulava à pesquisa, ao debate e ao mesmo tempo me levava ao encontro com a teoria. O trabalho em grupo facilitava o acesso a materiais (livros, artigos), que pela complexidade de alguns deles, dificilmente eu sustentaria uma leitura solitária.

Lacan escreve no Ato de fundação que “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”¹.

O estar entre vários não elimina a solidão, visto que os furos e impasses vão permanecer. O trabalho de pesquisa no Núcleo permite uma espécie de jogo entre colegas, como num “bate bola” grupal que ressoa na questão de cada um.

Num segundo momento pude presenciar a apresentação de pacientes. Mais do que respostas ou conceitos, se abriram novas questões. Gostaria de destacar a condução, o manejo, o ínfimo do detalhe captado no instante. A presença do corpo e seus objetos: o olhar e a voz.

Miller em Lições sobre a apresentação de doentes escreve: “Lacan não professa nenhum ensino nesse lugar. O que se aprende, capta-se no ar pela boca de um ou de outro e jamais pode-se estar muito certo de se ter em mãos alguma coisa ou nada” (p.138). “...alguma coisa permanece em suspenso quanto ao sentido”²” (p.139).



<https://pixabay.com/pt/>

1 LACAN, Jacques. Ato de fundação. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

2 MILLER, Jacques-Alain. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Uma “prática polêmica”, escreve Marcos André Vieira, em que “Lacan ouvia, inteiramente entregue, mas em nada perdido”³.

Para mim operou-se uma abertura ao novo, completamente fora de um padrão fechado e protocolar. Um deixar-se ensinar e ser tocado pela surpresa, sem nenhuma garantia.

Tudo isso me leva a pensar nesse movimento moebiano que aqui tento transmitir e no qual coloco algo meu em torno do desejo de formação. Certamente esse desejo me atravessou no momento em que o significante “psicose” me levou ao Núcleo. Paralelamente, ressoava na análise essa posta em ato que respingou na escrita de uma carta que foi entregue ao seu destinatário: o Clin-a.

“...é lógico que, em 1973, Lacan tenha formulado alguma coisa que parecia uma farça: ‘Não há formação analítica, há apenas formações do inconsciente’. Em última instância, não há outra formação além da própria análise”⁴ (p. 58).

Portanto, não há formato, forma, modelo, a formação para cada um vai acontecer uma maneira. É como um encontro que vai se dando no momento em que ele acontece e, em algumas ocasiões, faz furo. Penso no fenômeno da pororoca, que pela colisão do rio com o mar se produz um “grande estrondo” (tradução em tupi da palavra pororoca). Nada previsto, simplesmente acontece e faz barulho.

Mais uma vez destaco a solidão na relação de cada um com seu próprio desejo na formação analítica, na qual Lacan se refere⁵. Essa solidão que atravessa e perturba. A formação que se sustenta pelo desejo e se manifesta na implicação, seja com o Instituto, na transferência de trabalho, na pesquisa ou da “forma” que for. Cada um que faça seu caminho por conta e risco, pois não há quem indique que direção tomar, o que leva a seguir e sustentar essa causa é o desejo.

Seguirei!

Fabiana Pereira
Associado ao CLIN-a

3 VIEIRA, Marcus André. Sobre a apresentação de pacientes do Dr. Lacan. https://litura.com.br/artigo_repositorio/sobre_a_apresentacao_de_pacientes

4 SANTIAGO. Ana Lydia (Org.). Jacques-Alain Miller. *A fábrica de psicanalistas*. O desbaste da formação analítica. Rio de Janeiro: Coleção opção lacaniana, 2025.

5 LACAN, Jacques. Lacan. J. Apresentação Clínica: Sr. Girard. Opção Lacaniana, nº 86-87, São Paulo, outubro. P. 8. 2023.

Efeitos de formação na formação de um analista

Falar sobre a formação do analista é falar do que há de mais caro para a psicanálise: é falar de sua política, de sua orientação, de uma ética que orienta um trabalho. Ou seja, a política da psicanálise é a política do sintoma e se sustenta em uma ética que aponta para o bem-dizer.

O que é um psicanalista?

Lacan nunca respondeu o que de fato é um psicanalista, mas nos dá pistas disso em seu texto *Situação da psicanálise e a formação do psicanalista* em 1956, no qual ele não define o que é a psicanálise, mas uma psicanálise como “o tratamento que se espera de um psicanalista”¹. Trata-se de uma orientação que não define o que é um analista a partir de sua prática, de sua clínica ou de seu domínio da teoria: um analista vai mais além da função que exerce, mais além do que ele pode demonstrar como praticante ou teórico da psicanálise². Um psicanalista “é o que resulta de uma análise”³.

Em outras palavras, um analista não é formado por sua análise, mas, “produzido e fabricado por sua análise”⁴. Pensar o analista como produto de uma análise, aponta para o caráter singular e inédito dessa produção, na medida que um analista também é “um produto de seu tempo e traz consigo a marca da data de sua fabricação”⁵.



<https://pixabay.com/pt/>

1 LACAN, J. Situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998., p.462.

2 SOUTO, S. *A formação do analista e a política da psicanálise*. Revista Arteira, n.11, jan. 2020. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanilista>

3 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas* (1989-1990). Buenos Aires: Paidós, 2000, p.269.

4 LEGUIL, F. Da natureza contemporânea do AE. Conferência proferida na sede da Seção Minas Gerais, da Escola Brasileira de Psicanálise no dia 27 de outubro de 2011. In: SOUTO, S. *A formação do analista e a política da psicanálise*. Revista Arteira, n.11, jan. 2020. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanilista>

5 Ibid.



Pensar, então, a psicanálise enquanto uma *práxis* – o inclui a época na qual ela está inserida e da qual um analista é produto – nos faz refletir: do que se trata uma política da psicanálise quando o discurso do mestre contemporâneo é o discurso capitalista? Por que o binário Escola e Instituto se faz imprescindível em uma formação analítica, sobretudo atualmente, onde há formações *prêt-à-porter* que prometem garantias para o que é um psicanalista?

Podemos dizer que entre Escola e Instituto há uma oposição constituinte. Ao retomar *O Ato de fundação* (1964) e a *Proposição de 9 de outubro de 1967*, vemos que Lacan propõe que a Escola seja o espaço para Seção de Psicanálise Pura, contando com dois dispositivos fundamentais: o cartel, como dispositivo que procura responder à pergunta “*o que é a psicanálise?*” e o passe, como meio de responder à pergunta “*o que é um analista?*”⁶. Assim, a Escola é, por excelência, a instituição psicanalítica. Contudo, tendo o discurso analítico como suporte o saber suposto – aquilo que alimenta e sustenta a psicanálise –, será esse mesmo saber que tenderá a se destruir quando não confrontado com a cidade e com outros discursos. O Instituto vem como um limite ao saber suposto: é um saber exposto que faz barra à autofagia do saber suposto. Assim, entre Escola e Instituto:

deve haver [um] intervalo como articulação. A oposição entre eles estabelece certa tensão entre saber suposto e saber exposto, entre trabalho de transferência e transferência de trabalho, entre particular e matema, entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão, sem que se possa restringir cada um desses aspectos a um ou a outro⁷.

Se educar, governar e psicanalisar são três ofícios impossíveis⁸, resta o sintoma como aquilo que persiste. Como Laurent nos indica, resta o sintoma também como aquilo que “pode se transformar em ponto de apoio para que o sujeito reinvente seu lugar no Outro.”⁹

Podemos dizer, seguindo Leguil, que “a psicanálise é o conjunto de sua teoria mais aquilo que ela produz como psicanalista”¹⁰. Ou seja, a formação e a produção de um analista, ainda

6 BARRETO, F. O Instituto e a Escola. Texto de orientação do Instituto de Psicanálise e Saúde mental de Minas Gerais. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/o-instituto-e-a-escola/>

7 Ibid.

8 FREUD, S. Análise terminável e interminável. (1937) In: FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

9 LAURENT, E. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007, p.175.

10 LEGUIL, F. Da natureza contemporânea do AE. Conferência proferida na sede da Seção Minas Gerais, da Escola

que sejam coisas distintas, caminham juntas na medida em que o que se espera de um analista é que ele possa fazer avançar a prática e a teoria da psicanálise, e não que demonstre, simplesmente, como a doutrina psicanalítica é bem fundamentada.¹¹

A experiência analítica é uma experiência que se propõe a tratar o gozo, que propõe elucidar a relação do gozo e o laço social. Trata-se, em uma análise, de modificar a relação do sujeito com o significante-mestre, ou seja, modificar a posição do sujeito a partir do lugar que ele ocupa no discurso do mestre, ou melhor, a interpretação que ele havia feito do discurso do mestre. Colocar em evidência os significantes-mestres, proporciona uma experiência inédita [...] leva o sujeito a mudar de posição em relação ao significante-mestre¹²

É isso que dá ao analista um dever de política, que nos permite dizer que a psicanálise é uma política do sintoma, uma política dos corpos, e, assim, uma ética do bem-dizer. Uma política do sintoma inclui a clínica não como *tudo aquilo que se pode dizer em uma análise*, mas como um *impossível de dizer*. Uma orientação ética voltada para o sintoma é o que permitirá ao analista ler, em cada caso, o tropeço, os desacordos e o encontro com o real que aponta para aquilo que sempre manca na relação do sujeito com seu sintoma.

Um analista à altura de sua época é aquele que pode assumir uma postura firme, mas dócil ao mesmo tempo, na medida em que o feminino, para orientação lacaniana, é um “compromisso ético com o heterogêneo, com a diferença, com o não-segregativo”.¹³

Voltamos ao início para poder concluir: o que a política da psicanálise, como política do sintoma nos ensina sobre aquilo que se forma na formação de um analista?

Só podemos pensar a formação a partir do furo, já que é a partir dele que se inventa uma forma e não uma fôrma, uma forma sempre singular, na qual cada um poderá encontrar, a partir da própria experiência, um modo de fertilizar o vazio que convoca ao trabalho. Um vazio vivo e pulsante no qual cada um escolhe o que dar de si. Nas palavras de Leguil, um analista em seu passe

Brasileira de Psicanálise no dia 27 de outubro de 2011. In: SOUTO, S. *A formação do analista e a política da psicanálise*. Revista Arteira, n.11, jan. 2020. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanilista>

11 SOUTO, S. A formação do analista e a política da psicanálise. *Revista Arteira*. n.11, 2020. Disponível em: <https://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanilista>

12 BROUSSE, M-H. *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2003, p.23.

13 CORNÚ, P. *Subjetivid – Contingencia – Singularid*. Virtualia, Revista digital da EOL. 2021. Disponível em: <http://www.revistavirtualia.com/articulos/893/sexuacion-logica-y-acontecimientos/subjetividad-contingencia-singularidad>

pode nos testemunhar como “suporta esse sem sentido com o qual ele se fez sinthoma”¹⁴. Talvez seja por isso que Lacan nos ensina que a posição do analista condiz com a posição feminina.

Licene Garcia
Associada ao CLIN-a

14 LEGUIL, F. Da natureza contemporânea do AE. Conferência proferida na sede da Seção Minas Gerais, da Escola Brasileira de Psicanálise no dia 27 de outubro de 2011. In: SOUTO, S. *A formação do analista e a política da psicanálise*. Revista Arteira, n.11, jan. 2020. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanilista>

.:Radar

A casa dos budas ditosos

“Verdade revelada:

A Luxúria pertence a Deus, não ao demônio. Satanás odeia a luxuria, não é invenção dele, assim como a bondade. Eu sou a voz de Deus. Eu sou uma das vozes de Deus”¹.



Fonte: Foto Luciana Prezia/Divulgação

O que move a personagem do livro a gravar a própria biografia e enviá-la a João Ubaldo Ribeiro é a vontade de tornar pública essa Verdade que lhe foi revelada.

Ubaldo segredou que acreditava no conceito de “Verdade Revelada, de uma compreensão livre da razão ou do método que se apresenta ao homem como algo inteiro, potente e incontestável”².

Seguindo Ubaldo, talvez possamos pensar a luxúria pertencente a Deus, a um super Eu Deus, que impera com o dom da verdade, não há um Satanás que queira saber de ordenamento, o que nele impera é o seu contrário.

A arte ocupa um tanto esse lugar, Ubaldo faz existir um ser de gozo, que repete na lógica da verdade um saber insabido. No semblante de demônio o que nele se sustenta é um Deus gozoso.

Em 1999, a editora *Objetiva* convidou João Ubaldo Ribeiro para escrever o volume *Luxúria* na coleção *Plenos Pecados*, sobre os setes pecados capitais.

No início de sua narrativa, personagem e realidade se confundem, ela é uma mulher que gravou as fitas, ou as fitas gravadas são uma ficção de uma mulher real? Essa estratégia de Ubaldo vai nos dando um corpo que delineia entre a luxúria que se impõe a todos nós, ora como um corpo real de mulher ora uma ficção que se aproxima assustadoramente do segredo de cada um.

1 RIBEIRO, João Ubaldo. A casa dos budas ditosos. 2 ed. Alfaguara. E-book Kindle, p. 39.

2 *Idem*, p.33

Essa personagem fala de uma “libertinagem” do corpo. Ela nos confronta com o pulsional que o constitui, o gozo que o toma é da ordem de uma infinitização da satisfação.

Devorar e ser devorado, por um, dois, três...juntos, separados, não importa. Há algo do insaciável. Freud nos dá uma linda metáfora: “Pode-se decompor a vida de cada pulsão em uma série de ondas, cronologicamente separadas, homogêneas no interior de uma unidade de tempo qualquer, que se comportam entre si como erupções sucessivas de lavas”³.

Ubaldo nos confronta o tempo todo com essas erupções que não cessam de se inscrever no corpo, como volúpia, desejo do corpo do outro, do gozo de si no outro.

Freud nos traz as pulsões e seus restos que não se deixam dominar inteiramente pela satisfação. O objeto já não é o alvo da pulsão, o que a satisfaz é o próprio circuito libidinal, a repetição produz uma certa satisfação singular, seu destino é alcançado bordeando o objeto, como as lavas que circundam a boca do vulcão, elas surgem para diminuir uma tensão interna, mas não sem deixar fraturas na terra. Cada erupção testemunha algo que insiste, um resto que não se esgota, convocando um novo circuito. A erupção do vivo carrega algo da morte, a pulsão nesse lugar carrega uma face sombria do gozo.

O gozo como conceito no último Lacan nos aponta para uma ideia diferente de satisfação, não é pacificadora, não resolve a tensão, vai de encontro com um vazio estrutural e por isso não significantizável. Nossa protagonista está às voltas o tempo todo com uma satisfação que bordea o impossível, ela gira em torno de um real que insiste, ex-siste.

Ubaldo vai descrevendo a luxúria não do lado da comédia ou pornografia, mas como algo muito sério. Nos aponta que não são apenas corpos, na relação sexual somos tomados por objeto ou fazemos do outro nosso objeto, não nessa ordem, e nem na linha de exclusão, um ou outro, somos todos exilados. E aí estamos todos nós, nos estendendo, misturando, amalgamando em outros corpos como tentativa de realizar a fantasia do Um.

A peça de teatro baseada neste livro e apresentada por Fernanda Torres dá a sensação de que ela nos fala de um corpo alheio, ou assustadoramente indagamos se esse também é nosso corpo não segredável.

Ela nos relata que ao chegar à última página do livro teve um sentimento de desconforto: “Como se ali existisse um mistério para além da trama, ou da libidinoso trajetória da diva”⁴

3 FREUD, Sigmund. Pulsões e seus destinos. Obras completas, vol. 2. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 62.

4 RIBEIRO, João Ubaldo, *op. cit*, p.33.

Ubaldo foi assistir a primeira sessão em Salvador, em 2003. A divulgação anunciava uma comédia. O caráter hilariante das aventuras sexuais da baiana servia de grande atrativo, levando milhões de pessoas ao teatro. Ele foi até o camarim conversar com Fernanda e sério confessou a ela o quanto a definição de comédia o incomodava, que ela procurava o riso e havia transformado seu livro num “passatempo vulgar”.

Fernanda diz: “Foi uma das primeiras lições que aprendi sobre esse livro de cenas tórridas, chulas, narradas em português castiço: o assunto aqui é sério”⁵

Na apresentação dessa peça em 2026, o teatro estava lotado, nossa personagem se apresenta devassa, livre, ditosa, libidinosa e extremamente digna, no entanto algumas pessoas se retiram durante a peça, talvez no insuportável que esta mulher apresenta ao gozo de cada um.

No *Seminário 20*, Lacan nos fala que o ser colocado como absoluto não é jamais a fratura, a rachadura, o que se apresenta como fórmula do ser sexuado, é o ser de gozo⁶.

Fátima Luzia
Associada ao CLIN-a

5 *Ibidem*.

6 LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: Mais Ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 20.

.:Biblioteca

O uso de Lacan do conto: “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe

A Comissão de Biblioteca realizou, no dia 22 de agosto, na cidade de Ribeirão Preto, a segunda atividade de Leituras na Cidade, em parceria da Diretoria de Biblioteca do CLIN-a com a Livraria da Travessa, no Ribeirão Shopping. A iniciativa promove encontros em torno da leitura de textos literários, trabalhados por Freud e Lacan pertinentes à construção da teoria psicanalítica. Neste segundo encontro, a articulação entre a literatura e a psicanálise nos propiciou um debate intenso sobre o conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe¹.

A conversação foi conduzida por Emmanuel Mello, que apresentou um recorte do conto, seguido das articulações de José Danilo Canesin, sobre a leitura realizada por Jacques Lacan mais de um século após a sua publicação quando de sua utilização no ensino do psicanalista.

José Danilo localiza que Lacan: “se utiliza da publicação no sentido de que não faz uma interpretação do conto, tampouco uma leitura psicológica. Essa diferenciação decorre da tendência observada em Freud de proceder a uma leitura psicanalítica de uma obra literária como se fosse possível”².

Adentrando o conto “A carta roubada”, verifica-se que a trama gira em torno de uma carta comprometedora que foi subtraída e ocultada à vista de todos, sendo conhecido o autor deste



1 POE, E.A. A carta roubada. Histórias extraordinárias Seleção, tradução e apresentação de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia De Bolso. 2008. P.48.

2 CANESI, J.D. Atividade Leituras na Cidade, que ocorreu em 22/08/2026, na Livraria Travessa, em Ribeirão Preto, no Shopping Ribeirão.

fato. O detetive Dupin é convocado para recuperá-la após o fracasso da polícia em encontrá-la. A grande virada narrativa reside no fato de que a carta não se encontra em um esconderijo sofisticado, mas exposta, disfarçada apenas por sua simplicidade. Poe explora a ideia de que o excesso de método pode obnubilar a percepção — e que a inteligência, por vezes, consiste em atentar para o óbvio. A polícia realiza a busca segundo um método previamente estabelecido: examina minuciosamente os lugares onde supõe que algo de valor deveria estar escondido.

Dupin, por sua vez, desloca a problemática. Não procura apenas um objeto, mas tenta compreender a lógica daquele que o ocultou. A carta permanece invisível, não por estar ausente do campo visual, mas por não ser reconhecida como aquilo que se procura.

Conforme assinala Emmanuel:

a parte inovadora do conto, e que Lacan destaca como elemento mais importante, é que nele o ponto central no qual gira toda a trama não é um corpo e nem um assassinato; um dos personagens principais do conto é, na verdade, o objeto — a carta —, envolto em mistério e cujo conteúdo permanecerá latente, não será plenamente revelado. O foco principal é o circuito de interesses e poder que essa carta mantém, não o diálogo em torno do seu conteúdo. Mesmo a sua importância ganha lugar no conto, uma cena em que o silêncio e a atenção imperam. O enlace entre o ministro, a rainha e a carta se dão em uma espécie de instante de ver e precipita uma certeza [...]³.

É nesse sentido que “A carta roubada” ganha um lugar importante no ensino de Lacan, especialmente a partir do texto: “O seminário sobre ‘A carta roubada’”, publicado nos Escritos (1956),⁴ e do Seminário 2, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955).”⁵ José Danilo enfatiza que Lacan não se deteve na dimensão literária do conto, mas na demonstração estrutural do funcionamento do significante, do sujeito e da verdade.

Lacan demonstra, por meio do conto, que o que se modifica não são os indivíduos, mas as posições simbólicas por eles ocupadas. A circulação da carta determina essas posições dos sujeitos de onde obtemos a famosa frase: “Uma carta sempre chega ao seu destino.”⁶ Ou seja, o

3 MELLO, E., Atividade Leituras na Cidade, que ocorreu em 22/08/2026, na Livraria Travessa, em Ribeirão Preto, no Shopping Ribeirão.

4 LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

5 LACAN, J. O Seminário livro 2 – O eu teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

6 LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.45.

significante sempre encontra seu lugar na estrutura simbólica. O texto também introduz, ainda, a noção de verdade. Lacan desloca a noção clássica da verdade para uma concepção em que a verdade é estrutura de ficção que emerge como efeito do significante, sendo o sujeito constituído na relação com o Outro simbólico, sempre atravessado pela falta.

Através da leitura do conto de Poe, Lacan interroga a relação entre saber, linguagem e constituição do sujeito. No conto, evidencia-se que o saber é sempre incompleto, mas como efeito da cadeia significante, e a repetição e a circulação da carta como elemento que organiza as posições subjetivas.

A partir dessa perspectiva, a discussão realizada no encontro nos convidou à conversação. Foram várias as pessoas que entraram na conversa: um dos pontos levantados foi sobre a desimportância do conteúdo da carta para Lacan, em contraste com a supervalorização dos conteúdos que marca a contemporaneidade. A leitura lacaniana permite deslocar o foco daquilo que a carta enuncia para o lugar que ela ocupa na estrutura e para os efeitos que produz ao circular entre os sujeitos. É justamente essa dimensão que torna a leitura de Lacan tão instigante: não se trata de descobrir o que a carta contém, mas de acompanhar os efeitos que sua circulação produz sobre aqueles que dela se aproximam.

Aparecida Santa Clara Berlitz
Associada ao CLIN-a
e Participante da Comissão da Biblioteca

.: Agenda

CURSOS COMPLEMENTARES

SEDE - SÃO PAULO

UM ESTUDO DAS PULSÕES EM FREUD

- **Coordenação:** Fátima Luzia
- **Datas:** 02/10, 06/11, 20/11 e 11/12
- **Horário:** das 14h às 15h30

CASOS CLÍNICOS CLÁSSICOS DE FREUD

- **Coordenação:** Silvana Sbravati
- **Datas:** 07/10, 21/10, 04/11 e 18/11
- **Horário:** 10h30 às 12h00

UNIDADE - CAMPINAS

A CLÍNICA DO ATO: ATO FALHO, ACTING OUT, PASSAGEM AO ATO E ATO ANALÍTICO

- **Coordenação:** Emelice Prado Bagnola Docentes: Claudia Regina Santa Silva, Emelice Prado Bagnola, Georgia De Sordi, Guilherme Pimentel e Laura Mansin
- **Datas:** 09/10, 30/10, 04/11 e 18/12
- **Horário:** das 18h às 19h30

DO MAL-ESTAR À POLÍTICA DO SINTOMA: O DISCURSO ANALÍTICO NOS TEMPOS QUE CORREM

- **Coordenação:** Camila Morelli Professores: Camila Morelli, Claudia Santa, Hector Trinca Espagnoli, James Alberto de Moura Valeriano e Tatiana Vidotti
- **Datas:** 02/10, 23/10, 13/11 e 11/12
- **Horário:** das 18h às 19h30

BATE-SE NUMA CRIANÇA

- **Coordenação:** Patrícia Bichara Professoras: Geórgia De Sordi, Heloisa Amaral e Telma Palmieri
- **Datas:** 05/10, 19/10, 09/11 e 23/11
- **Horário:** das 19h30 às 21

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

O INCONSCIENTE TRANSFERENCIAL NO CORAÇÃO DA PRÁTICA ANALÍTICA

- **Coordenação:** Eduardo Benedicto Professores: Fernanda Pizeta, José Danilo Canesin e Emmanuel Mello
- **Datas:** 08/10, 22/10, 05/11 e 12/11
- **Horário:** das 18h30 às 20h

ENSINO DE LACAN

- **Coordenação:** Maria Célia Reinaldo Kato e Emmanuel Mello
- **Datas:** 24/10 e 14/11
- **Horário:** das 9h às 12h30

NÚCLEOS DE PESQUISA

SEDE - SÃO PAULO

A PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

- **Coordenação:** Andressa C. Luz e Felipe Bier
- **Datas:** 19/10, 09/11 e 23/11
- **Horário:** das 20h às 21h30

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA SÃO PAULO)

- **Coordenação:** Camille Apolinário Gavioli e Raquel Diaz Degenszajn Colaboração: Silvia Jacobo
- **Datas:** 08/10, 22/10, 05/11 e 26/11
- **Horário:** das 11h30 às 13h

APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

- **Coordenação:** Fábio Saad e Alberto Guimarães
- **Datas:** 09/10, 23/10, 06/11 e 20/11
- **Horário:** das 14h às 15h30

PSICANÁLISE E AUTISMO

- **Coordenação:** Cynthia Gonçalves Gindro, Lilian Beiguelman e Paula Catunda
- **Datas:** 14/10, 28/10, 04/11 e 18/11
- **Horário:** das 11h às 12h30

CINECLUBE LACAN

- **Coordenação:** Eduardo C. Marchesan e Renata Perche
- **Datas:** divulgada conforme a disponibilidade do cinema

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO CRIAR

- **Coordenação:** Maria de Fatima Santos Luzia e Cynthia Gonçalves Gindro
- **Data:** início em 03/08 e as demais datas serão definidas a cada encontro
- **Horário:** das 20h às 21h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO RUÍDO

- **Coordenação:** Aparecida Santa Clara Berlitz e Renata Perche
- **Datas:** 29/10 e 26/11
- **Horário:** das 14h30 às 16h

UNIDADE – CAMPINAS

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA CAMPINAS)

- **Coordenação:** Claudia Santa Silva, Emelice Prado Bagnola e Tatiana Vidotti
- **Datas:** 14/10, 28/10, 11/11, 25/11 e 09/12
- **Horário:** das 8h às 9h30

PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

- **Coordenação:** Eduardo Camargo Bueno e James de Moura Valeriano
- **Datas:** 07/10, 21/10, 04/11 e 18/11
- **Horário:** das 12h às 13h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO BOLA DE GUDE

- **Coordenação:** Tatiana Vidotti e Cláudia Regina Santa Silva
- **Datas:** 31/10 e 05/12
- **Horário:** das 10h30 às 12h

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

ENCONTROS DE PSICANÁLISE E LITERATURA

- **Coordenação:** Vagner Arakawa e Emmanuel Mello
- **Data e Horário:** a confirmar com a Biblioteca Sinhá Junqueira de Ribeirão Preto

PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

- **Coordenação:** Felipe Ortolani e Maria Célia Reinaldo Kato
- **Frequência:** Quinzenal, às quartas-feiras
- **Datas:** 14/10, 28/10, 04/11 e 18/11
- **Horário:** das 18h às 19h30

SEMINÁRIO CLÍNICO: A CLÍNICA DO CLIN-a

SEDE - SÃO PAULO

- **Coordenação:** Maria do Carmo Dias Batista e Camila Colás
- **Datas:** 09/10, 23/10, 13/11 e 04/12
- **Horário:** das 11h às 13h